

REFLEXÕES SOBRE DANÇA INDÍGENA

Um breve relato sobre visitas aos povos Tukano, Desano e Tatuyo

Priscila Nunes Duarte de Amorim

Advogada, Mestre em Ciências Humanas (PPGICH/UEA), especialista em Gestão Pública (UFAM) e em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho (Faculdade Damásio).
[https://orcid.org/número\(0000-0003-1115-5473\)](https://orcid.org/número(0000-0003-1115-5473))

OBSERVANDO, CONVERSANDO E REFLETINDO

O presente trabalho foi desenvolvido durante o segundo semestre de 2021 para o Componente Curricular Epistemologia de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, regida pelos docentes Dr. Guilherme Gitahy de Figueiredo e Dr. Luiz Davi Vieira Gonçalves. A proposta foi lermos a dissertação “*Kohixoti-kipàe*, a dança da Ema – memória, resistência e cotidiano Terena”, de autoria da Dra. Naine Terena de Jesus, e produzirmos um seminário para apresentação aos demais colegas e professores. O trabalho seria produzido por mim em conjunto com dois colegas.

Após realizarmos a leitura da dissertação, sentimos a necessidade de conversar com os indígenas sobre o significado da dança para eles. Diante da impossibilidade de encontrarmos-nos com os Terena, programamos uma ida até alguma aldeia próxima à Manaus. Assim, em 21/10/2021 um colega e eu visitamos os Tuyuka, o Núcleo Cultural Indígena Cipiá, que tem desano e tukano, e os Tatuyo. Chegamos à aldeia Tuyuka por volta das 08:30 horas. A primeira imagem que tive foi de duas meninas brincando na terra, na entrada da maloca. Eram irmãs, a mais nova ainda engatinhava, já a mais velha, com cerca de quatro anos, nos recebeu com um sorriso.

Moro em Manaus há oito anos e já conheci muitas aldeias, mas aquela era a minha primeira vez como pesquisadora. Imediatamente percebi que o meu olhar havia mudado.

Ao entrar na maloca encontramos alguns adultos. Homens e mulheres se arrumavam para nos receber. Naturalmente a conversa foi fluindo e notei que os homens eram mais receptivos e comunicativos do que as mulheres. Conversei com *Ûtaro*. Seu nome significa protetor da casa da cerimônia. Ele me explicou que antes o grupo vivia em Novo Airão, mas a aldeia era muito isolada, distante da cidade, o que dificultava a sua rotina. Estão naquele local, próximo à praia do Açutuba, há sete anos. Quando indaguei acerca da dança, *Ûtaro* disse que gosta de dançar, cantar e expressar sua cultura para que ela continue viva. Destacou que sabe que há muito indígenas produzindo vídeos

e colocando nas redes sociais, mas que fica triste quando vê que não estão dançando direito ou que “estão inventando coisas que não existem na cultura”. Com um semblante decepcionado, contou-me que sente vergonha quando assiste a esse tipo de vídeo e que “aquilo está brincando com a cultura deles, não está levando a sério”.

Em seguida conversei com *Poron*, a segunda pessoa do pajé. Ele me explicou que a aldeia “tem a permissão do proprietário para permanecer naquelas terras”. Gravamos vídeos com mais detalhes sobre as explicações de *Poron*, com o objetivo de exibir no seminário.

Tentei aproveitar ao máximo cada detalhe daquela experiência. Da brisa ao rio ao som dos instrumentos, do cheiro do mato à alegria das crianças que estavam sempre brincando ao nosso redor, da vista magnífica do rio à inteligência da instalação daquela palha que nos abrigava, da delicadeza da mãe que amamentava seu bebê ao carmim do pé carregado de urucum. Jamais esquecerei aqueles olhares.

Quando terminamos os vídeos na maloca subimos as escadas que levam até as casas de alvenaria e à capela católica. Eles estavam finalizando a construção. Ali sentei num tronco caído e fiquei recordando as palavras de *Ûtaro* acerca dos vídeos das redes sociais. Ele não vê as práticas católicas como algo que tome o espaço da sua cultura, pelo contrário, no seu entendimento há harmonia e convergência nesse sentido.

Ao finalizarmos nosso contato com os Tuyuca, fomos surpreendidos por uma forte chuva. Aguardamos mais de duas horas que a chuva parasse. A natureza parecia nos lembrar da sua soberania, reafirmando nossas limitações. Quando finalmente estiou, seguimos para o Núcleo Cultural Indígena CIPIÁ onde almoçamos arroz, frango e feijão preparados por uma mulher Desana cuja filha chamada Laís me pintou. Em todos esses anos morando aqui e tendo visitado outras aldeias, nunca havia feito a pintura. Mas estou cada vez menos receosa de julgamentos e não encaro como apropriação cultural. Fiz com afeto e para fins pedagógicos! Eu queria sentir o carvão e o urucum na minha pele. Queria dizer: coloca aqui um pouco da sua cultura que eu tanto admiro. Queria voltar para casa e dizer: filha, olha a pintura que uma menina Desana da sua idade fez em mim! Queria e precisava, com aquele gesto, dizer indiretamente a Laís que a pintura que o seu povo faz tem importância para mim também. Perguntei se Laís se pintava todos os dias e ela disse que sim. Disse a ela que continuasse assim.

Não demoramos no CIPIÁ. Partimos para a aldeia dos Tatuyo. Ao chegarmos ali, cumprimentamos a todos e notei que quando percebiam a pintura no meu rosto seus olhos brilhavam, como se a pintura sinalizasse algo, como se fosse uma forma de conexão ou comunicação, que de fato é.

A volta foi perigosa. Tempo ainda chuvoso e muito banzeiro. Como pulava aquela voadeira! Eu ainda encantada com tanta experiência e aprendizado em um dia de trabalho de campo! Foram muitas conversas, relatos e uma certeza:

não voltei a mesma. Enquanto o barquinho pulava eu pensava nos ensinamentos de Roy Wagner. Porque, de fato, o que descrevo aqui é a “invenção da cultura” (WAGNER, 2020) Tuyuca, é o que construí do que é, compreendi e imprimi com toda a carga pessoal e cultural que já me acompanha. E do que captei, nada quero perder ou deixar esquecido. É necessário carregar comigo e transmitir o respeito, a resistência, a luta, ensinar a minha filha e aos meus futuros alunos que a responsabilidade por manter a dança, saberes e costumes dos povos originários é de todos nós. Não é fácil, eu sei. Mas é possível sim, um país diferente, um mundo melhor se formos na contramão da onda de ódio, acreditarmos e construirmos a cada dia dentro das nossas possibilidades espaços de tolerância, igualdade, equidade, justiça e oportunidades. Para tanto, precisamos seguir resistindo e defendendo incansavelmente as ideias que promovem o diálogo, a convivência pacífica, a paz social e o respeito às diferenças.

REFERÊNCIAS

WAGNER, Roy. **A invenção da Cultura**. Tradução de Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Ubu Editora, 2020.